

A Nova Rota da Seda: Comércio Exterior Como Indutor do Desenvolvimento Nacional

The New Silk Road:

Foreign Trade as an Inducer of National Development

La Nueva Ruta de la Seda:

El comercio exterior como inductor del desarrollo nacional

Recebido
Received
Recibido
17 nov. 2023

Aceito
Accepted
Aceptado
28 ago. 2024

Publicado
Published
Publicado
27 set. 2024

<https://git.fateczl.edu.br>

e_ISSN
2965-3339

DOI
10.29327/2384439.2.4-1

São Paulo
v. 2 | n. 4
v. 2 | i. 4
e24220
Setembro
Septiembre
Septiembre
2024



Henrique Domingues¹

henrique.domingues@hotmail.com

Leonardo Jorge Argollo²

leonardo.santos154@fatec.sp.gov.br

Paulo Teixeira Ribeiro²

paterib2@gmail.com

1 – Universidade Estatal de Economia de São Petersburgo

2 – Faculdade de Tecnologia da Zona Leste

Resumo: A política externa chinesa na atualidade tem uma prioridade que é a construção de uma “Nova Rota da Seda”, que ligará a RPC (República Popular da China) aos continentes europeu e africano por vias terrestres e marítimas, passando, conseqüentemente por países importantes da Ásia Central e do Oriente Médio. O objetivo deste estudo é apresentar as rotas terrestres relacionadas a essa política e a conseqüente relevância que a geopolítica chinesa exerce atualmente e passará a exercer nos próximos anos perante a comunidade internacional. A abordagem de pesquisa adotada para o desenvolvimento desse estudo é uma revisão integrativa, a partir da aplicação de uma metodologia de estudo do caso descritivo, qualitativo e exploratório. O presente estudo, busca indícios de que a China possa vir não só a integrar-se como também a ser a principal promotora das condições para a integração econômica e comercial plena de toda a região e adjacências, dado o destaque de seu papel geopolítico, e por contar com uma política de mercado em franco desenvolvimento e com grande potencial de crescimento, especialmente sob as perspectivas sociais e econômicas. A análise desse conjunto de fatores sugere um cenário favorável para que a China coloque em prática a nova iniciativa.

Palavras-chave: Nova Rota da Seda; China; Eurásia; Mundo Multipolar.

Abstract: This study focuses on contemporary Chinese foreign policy, particularly the development of the "New Silk Road" initiative. This ambitious project aims to connect the People's Republic of China (PRC) with Europe and Africa through a network of land and maritime routes, traversing key regions in Central Asia and the Middle East. The core objective of this research is to elucidate the terrestrial routes of this policy and the consequential influence of Chinese geopolitics in the international community, both currently and in the foreseeable future. The research approach employed is an integrative review, utilizing descriptive, qualitative, and exploratory case study methodologies. The study explores indications that China may not only integrate but also become a leading promoter of complete economic and commercial integration within the region and its vicinity. This is attributed to China's significant geopolitical role, its rapidly evolving market policies, and the immense growth potential, particularly in social and economic spheres. The analysis of these elements

suggests a favorable scenario for China to implement its new initiative, potentially reshaping regional economic and geopolitical landscapes.

Keywords: *New Silk Road; China; Eurasia; Multipolar World.*

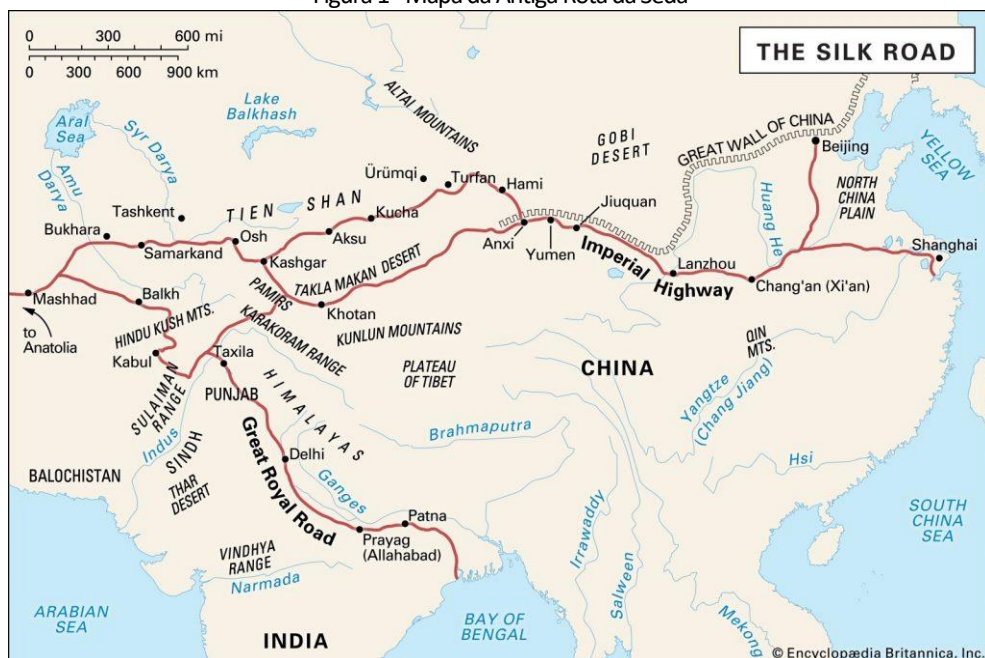
Resumen: La política exterior china tiene hoy una prioridad, que es la construcción de una "Nueva Ruta de la Seda", que conectará la RPC (República Popular China) con los continentes europeo y africano por tierra y mar, pasando así por importantes países de Asia Central y Oriente Medio. El objetivo de este estudio es presentar ante la comunidad internacional las rutas terrestres relacionadas con esta política y la consecuente relevancia que la geopolítica china ejerce y ejercerá en los próximos años en los próximos años. El enfoque de investigación adoptado para el desarrollo de este estudio es una revisión integradora, basada en la aplicación de una metodología de estudio de caso descriptiva, cualitativa y exploratoria. El presente estudio busca evidenciar que China puede no solo integrarse, sino también ser el principal promotor de las condiciones para la plena integración económica y comercial de toda la región y su entorno, dada la prominencia de su papel geopolítico, y porque cuenta con una política de mercado en pleno desarrollo y con un gran potencial de crecimiento. especialmente desde el punto de vista social y económico. El análisis de este conjunto de factores sugiere un escenario favorable para que China ponga en práctica la nueva iniciativa.

Palabras clave: *Nueva Ruta de la Seda; China; Eurasia; Mundo Multipolar*

1. INTRODUÇÃO

Desde que passou a ser desempenhado pela humanidade, de acordo com os registros históricos, o comércio influenciou de maneira determinante o desenvolvimento das sociedades, a ascensão e declínio de impérios, nações, bem como empresas, indústrias e demais cadeias produtivas que, graças ao comércio internacional encontraram as condições para atingir um outro patamar de desenvolvimento. Ainda no período antes de Cristo, a China teve um momento de relevante protagonismo nas movimentações comerciais internacionais não apenas em nível regional, como também em nível intercontinental, que se estendeu até meados do século 17 depois de Cristo. Foi a partir do desenvolvimento das rotas comerciais durante a Dinastia Han (207 a.C. - 220 d.C.), que posteriormente vieram a ficar conhecidas como Rota da Seda, que o Império Chinês encontrou o caminho e talvez o mais importante alicerce dos períodos de prosperidade que passou a vivenciar a partir deste período. (IBRACHINA, 2020)

Figura 1 - Mapa da Antiga Rota da Seda



Fonte: <https://ibrachina.com.br/cultura/conheca-a-historia-da-milenar-rota-da-seda/>

Além do Império Chinês, a Rota da Seda também exerceu papel determinante no fortalecimento e desenvolvimento de outros importantes impérios que emergiram com destaque ao longo da história, como a Pérsia, a Mesopotâmia, o Antigo Egito e o Império Romano, tamanho volume e valor agregado das trocas possibilitadas pelas rotas estabelecidas. Não se tratavam apenas de trocas comerciais como a da seda, que era o principal produto transportado e comercializado, mas também o intercâmbio cultural, tecnológico, religioso e político que essa estrutura logística acabou por promover (IBRACHINA, 2020). Ou seja, a partir da primeira experiência chinesa com o estabelecimento das rotas comerciais, nota-se que o desenvolvimento do comércio exterior tem se provado essencial ao longo dos tempos para que se fortaleçam as condições de desenvolvimento nacional, social e econômico, também individualmente nos países.

Como pontuado por Arrighi (2009), A emergência asiática como uma das regiões mais importantes da economia mundial, se consolida no século XXI (apud KOTZ, 2018), responsável por 29.7% do produto interno bruto global (WORLD BANK DATABASE, 2017). A conhecida e notável ascensão econômica da China iniciada ao final dos anos 70 é considerada a grande propulsora e carro chefe de todo o desenvolvimento econômico do sudeste asiático. O processo foi impulsionado pelo período de reformas e abertura diplomática, com a criação das ZEEs (Zonas Econômicas Especiais), durante o período em que a RPC foi liderada por Deng Xiaoping (1978-1989). Durante os 30 anos seguintes, o país atingiu um crescimento médio de 10% ao ano e alçou 500 milhões de pessoas para fora da linha de pobreza (BANCO MUNDIAL, 2013, p. 23).

Um dos principais projetos da política externa chinesa na atualidade é a construção de uma nova rota comercial com a finalidade de integrar diversos mercados consumidores ao longo de variados continentes, criando condições mais favoráveis para dar vazão ao robusto volume de mercadorias produzidas na RPC. Ainda, é relevante a possibilidade de ampliação da influência exercida pela China por onde as novas rotas se instalarem. O sonho chinês de desenvolvimento pleno e de retomar a dianteira em se tratando de comércio internacional, é o que motivou o governo de *Beijing* a criar o projeto e a maneira com a qual a China pretende lidar com os outros atores na implementação e realização do mesmo é, no mínimo, diferente da maneira que atua o presente poder hegemônico representado pelos Estados Unidos da América, União Europeia e Japão (BARBOSA et al., 2018).

A Nova Rota da Seda é apresentada nas literaturas oficiais como *Belt and Road Initiative* (BRI), ou ainda *One Belt, One Road* (OBOR), e foi oficialmente anunciada pelo presidente chinês Xi Jinping no ano de 2013 envolvendo inicialmente 65 países, cerca de 62% da população e 30% do PIB mundial. Segundo Kotz (2018) “a ‘*Silk Economic Road*’ é desenhada para ser o componente terrestre do programa e passará pela Ásia Central, pelo Oriente Médio, pela Rússia chegando até a Europa, promovendo basicamente uma integração mais efetiva entre os países alocados na região conhecida como Eurásia. A rota terrestre é complementada pela ‘*Maritime Silk Road*’, uma rota marítima que ligará os portos chineses no sudeste asiático com países da Costa Africana, passando pelo Oceano Índico, pelo Canal de Suez e chegando até o Mediterrâneo” (KOTZ, 2018).

Como apontado por Hong (2016) “A iniciativa se divide em seis corredores econômicos: 1) a Nova Ponte Terrestre Eurasiática; 2) o eixo China-Mongólia-Rússia; 3) o eixo central China-Ásia Ocidental (perpassando pelo Oriente Médio); 4) o eixo da Península China-Indochina; 5) o eixo do Corredor Econômico China-Paquistão e, finalmente, 6) o Corredor Econômico Bangladesh-China-Índia e Mianmar. Relatórios estratégicos elaborados pela academia chinesa preveem que o processo de implantação do projeto deverá se estender por um período de 30 a 40 anos” (apud KOTZ, 2018).

Em sintonia com a proposta de estabelecer uma nova rota da seda, a China firmou acordos de cooperação com os países e organizações no âmbito da iniciativa “Um Cinturão, Uma Rota”, com investimentos previstos na ordem de um trilhão de dólares.

Figura 2 – Mapa da Nova Rota da Seda



Fonte: <https://www.brasildefatorj.com.br/2019/10/25/o-que-e-a-nova-rota-da-seda-e-quais-serao-os-impactos-para-a-america-latina>

Como é possível observar no mapa, a “Nova Rota da Seda” inicia o trecho chinês na cidade de *Xi’an*, mas também chega ao norte com Beijing e ao sul em Guandong, rumando daí até *Lanzhou* (província de *Gansu*), *Urumqi* (*Xinjiang*) e *Khorgas* (*Xinjiang*), já próxima ao Cazaquistão. Daí passa a adentrar territórios estrangeiros à sudoeste, alcançando o Oriente Médio chegando ao norte do Irã, na Ásia central, antes ir através do Iraque, Síria e Turquia. De Istambul, o novo trajeto comercial seguirá em direção à Europa pelo estreito de Bósforo, até Bulgária, Romênia, República Tcheca e Alemanha, por onde chegará ao porto de Roterdã, na Holanda. Por fim, via o sul alcançará Veneza onde se integrará com a Rota da Seda Marítima. (BARBOSA et al., 2018).

O acelerado desenvolvimento econômico e o aumento da projeção internacional da China nas últimas décadas reforçam a importância que a geopolítica chinesa exerce na globalização. São destacadas a atuação chinesa na promoção do desenvolvimento do sudeste asiático, bem como de regiões historicamente subdesenvolvidas e vítimas de violentos processos de colonização, como o próprio continente africano. Ainda, os investimentos em tecnologia acabam por posicionar a RPC na vanguarda do desenvolvimento e do comércio mundial fazendo frente às superpotências hegemônicas.

Com a elaboração de uma “Nova Rota da Seda” a República Popular da China dialoga com o histórico de destaque que sempre exerceu nas relações comerciais entre atores internacionais ao longo dos períodos históricos e se apoia em toda a simbologia do período em que a “Rota da Seda” fora a principal promotora do fluxo comercial desde os anos 200 a.C. Desta forma o presente estudo visa abordar a inserção internacional da China com foco na dimensão terrestre da Nova Rota da Seda.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste estudo é apresentar a Nova Rota da Seda com ênfase no aspecto terrestre bem como a relevância que a geopolítica chinesa exerce no mundo e na promoção do comércio exterior. Além de correlacionar a atividade comercial

internacional com as possibilidades de alcançar novos patamares de desenvolvimento socioeconômico nacional individualmente em um país.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A abordagem de pesquisa adotada para este estudo é uma revisão integrativa, empregando a metodologia de estudo de caso descritivo, qualitativo e exploratório. A coleta de dados foi realizada principalmente através da plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), abarcando estudos publicados entre 2010 e 2023. Essa abordagem buscou captar as tendências e desenvolvimentos mais recentes relacionados à Nova Rota da Seda, com foco nas implicações geopolíticas e econômicas da iniciativa.

Para análise e síntese das informações, foi adotada uma estratégia em várias etapas: inicialmente, realizou-se uma leitura exploratória para reconhecer a abrangência dos textos. Em seguida, procedeu-se com uma leitura seletiva, filtrando o material em busca de informações alinhadas aos objetivos e à temática proposta. Os tipos de documentos selecionados incluíram artigos de pesquisa, relatórios governamentais e análises de política. Essa fase foi seguida pelo fichamento detalhado das informações relevantes.

Critérios claros de inclusão foram estabelecidos, baseando-se no rigor metodológico e na contribuição significativa ao entendimento do assunto. Estudos que não atendiam a esses critérios foram excluídos. Os resultados foram então interpretados no contexto das questões de pesquisa, com um enfoque especial na correlação entre a iniciativa da Nova Rota da Seda e o aumento da influência geopolítica da China.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Geopolítica e Geoestratégia da Eurásia

A logística e a estratégia da região da Eurásia são de extrema importância além dos recursos naturais e energéticos da região, o centro dela é conhecido comumente como Heartland, termo criado por *Mackinder* em 1904 que expressa o amplo potencial dessa área, que se estende desde a Europa Oriental até a Ásia Oriental.

Essa grande área engloba desde a linha do Círculo Ártico até os desertos e montanhas da Ásia Meridional, possui em sua extensão territorial o Mar Báltico, o Mar Negro, o Mar Cáspio e o Golfo Pérsico, águas com muito destaque para estratégias, principalmente, comerciais. As únicas rotas navais acessíveis são a região do Mar Báltico e do Mar Negro. A parte norte, coberta quase inteiramente de neve e gelo, é protegida por desertos e montanhas, o que torna o território praticamente intocável de forma naval. Os diversos estreitos compreendidos na Heartland podem ser protegidos através do poder terrestre (PETERSEN, 2011 apud KOTZ, 2018).

Figura 3 - Demarcação da Heartland



Fonte: <https://bonifacio.net.br/qual-a-importancia-do-tratado-do-rcep-para-a-geopolitica-da-china-na-asia/>

Para expandir o conhecimento sobre a Heartland e o interligar à Nova Rota da Seda, é necessário entender o conceito de Geoestratégia: associação do fator geográfico (o terreno) à uma finalidade estratégica (emprego de forças organizadas) (CORREIA, 2012). A sua definição oficiosa no IAEM (Instituto dos Altos Estudos Militares) reflete esse sentido:

“Estudo das constantes e variáveis do espaço (...) que, ao objetivar-se na construção de modelos de avaliação e emprego, ou ameaça de emprego, de formas de coação, projeta o conhecimento geográfico na atividade estratégica.”

Há também o conceito de Geopolítica, que de fato, possui semelhanças com a Geoestratégia, mas o destaque vai para as diferenças nos dois elementos de análise essenciais: nos modelos a que servem – dinâmica de poder para a geopolítica, avaliação e emprego de formas de coação para a geoestratégia – e nos objetivos que visam – atividade política para a geopolítica, atividade estratégica para a geoestratégia (CORREIA, 2012). As definições de cada termo segundo o IAEM são:

Geopolítica: Estudo das constantes e das variáveis do espaço que, ao objetivar-se na construção de modelos de dinâmica do poder, projeta o conhecimento geográfico no desenvolvimento e na atividade política (CORREIA, 2012).

Geoestratégia: Estudo das constantes e das variáveis do espaço que, ao objetivar-se na construção de modelos de avaliação e emprego de formas de coação, projeta o conhecimento geográfico na atividade estratégica (CORREIA, 2012).

De acordo com os dados, para acoplar esse importante território a Nova Rota da Seda tem sido, atualmente, um dos esforços cada vez mais sistemáticos da China seguindo a linha de pensamento apontada por pensadores como Mackinder (1919; 1944), Spykman (1969), Brzezinski (1997; 2016), Frankopan (2015), entre outros (KOTZ, 2018) a respeito da importância geopolítica e estratégica da Eurásia.

A China é uma das grandes potências militar e econômica desde o final do século XX até atualmente, dominar o *Heartland* significa para a China ter uma posição geoestratégica extremamente forte, rivalizando com a própria Rússia - Estado que ocupa o posto quando se trata de vantagens territoriais - pois seria uma

frente oceânica com a retaguarda continental da região-pivô, posicionando em ascensão a médio prazo à potência simultaneamente terrestre e marítima. O surgimento desse poder anfíbio subverteria totalmente o equilíbrio de poder na Eurásia (MELO, 1994).

4.2 Geoestratégia Chinesa na Eurásia

A geografia chinesa foi determinante no milenar processo histórico que moldou as estruturas do poder chinês. Com territórios desérticos a oeste e terras de solo fértil localizadas no nordeste, centro-sul e leste os governantes estabeleceram suas bases nas regiões onde era possível alcançar maior prosperidade. Uma das mais proeminentes ações humanas durante esse processo foi a construção do Grande Canal que liga os Rios Amarelo e *Yangtze*, ocorrida no período entre os anos de 605 e 611. Foi fundamental para ligar as regiões produtivas às regiões desérticas promovendo o intercâmbio de produtos alimentares excedentes, sendo determinante para a consolidação territorial do Estado Chinês, segundo maior do mundo. (KAPLAN, 2012, p. 117-119 apud KOTZ, 2018).

Cohen (2015) afirma que foi graças ao volumoso território chinês que o pensamento da sociedade chinesa antiga se escorou na autossuficiência e no isolamento durante o período de fechamento entre os séculos XIV e XV. Ainda segundo Cohen (2015) citado por Kotz (2018) “por mais de três milênios da história da civilização chinesa, a sua orientação geopolítica foi predominantemente continental, na busca por defesa e no estabelecimento de vínculos tributários em relação aos povos da Ásia Central (Hunos, Mongóis, Machus, entre outros)”. Já durante o século XX a República Popular da China focou a sua atuação geopolítica para a faixa territorial conhecida por *Heartland* (COHEN 2015 apud KOTZ 2018).

“A história milenar da China é repleta de episódios onde o país exerceu iniciativas de grande escala que também remetem à envergadura da Nova Rota da Seda, como ressalta Barbosa (2018), “A China possui uma história de grandes empreendimentos. Um forte exemplo é a construção da Grande Muralha como forma de proteger o país de invasões estrangeiras. Nessa nova era, o ‘One Belt, One Road’ tem sido colocado como prioridade na política interna e, principalmente, na política externa da China. Também tem atraído opiniões divergentes ao redor do mundo, visto que enquanto alguns o veem como um projeto que trará inúmeros benefícios para a Eurásia e África, outros acreditam que é apenas uma forma da China conseguir mais poder e influência nestas regiões. Porém, independente de opiniões, esse megaprojeto está a cada dia ganhando forma e poderá modificar grandemente as relações globais.” (BARBOSA et al., 2018)

A China quer ser a grande potência da massa euroasiática, sendo que os Estados Unidos é a grande potência transatlântico. É possível afirmar que ao propor a iniciativa OBOR a política externa da RPC busca, além de estabelecer condições para o desenvolvimento próprio, minar a influência estadunidense na região ao conquistar fatias desse mercado e promover o desenvolvimento da infraestrutura necessária (e historicamente negligenciada) para viabilizar a troca de mercadorias entre os países.

4.3 A Inserção Global da China

A capacidade do maior país do continente asiático em se estabelecer como um importante ator no mundo contemporâneo é ratificada pelos níveis de crescimento econômico apresentados pela China nas últimas décadas. O próprio ex-presidente sênior do Banco Mundial, Justin Yifu Lin, afirmou que em menos de 40 anos, a China chegou a um patamar de renda de classe média alta. (LIN, 2015 apud BARBOSA, 2018). E foi esse acelerado desenvolvimento da economia chinesa que possibilitou ao país edificar sua nova influência não apenas na região asiática, como também em nível global. (BARBOSA, 2018).

A China vem crescendo nas transnacionais, no setor automobilístico, têxtil, tecnológico e outros onde se destacam marcas chinesas como um todo. Ou seja, há além da influência econômica, uma influência cultural que está aumentando. Se na década de 70 víamos a China como um país que exportava produtos de baixa qualidade e baixo valor agregado, hoje temos grandes marcas chinesas como a Huawei, líder do mercado interno chinês de smartphones desde meados de 2020 e primeira empresa de tecnologia a lançar o 5G, que possibilitará a entrada definitiva dos modelos produtivos no século 21 tendo a internet como principal ferramenta promotora dessa nova realidade.

Sendo assim, partindo da premissa de que a economia mundial é instável, a China apresenta a Iniciativa *One Belt, One Road* como uma opção para que os processos econômicos e comerciais aconteçam num cenário de estabilidade, através de novas interconexões terrestres e marítimas atendendo aos anseios de todos. Diferentemente da antiga Rota da Seda, a China tem as rotas marítimas como prioridade. A diminuição do ritmo de crescimento interno acende o sinal de alerta e intensifica a necessidade de aumentar a competitividade em mercados desenvolvidos e de buscar por mercados ainda em desenvolvimento como a África e a América Latina para possibilitar que o Estado chinês siga se desenvolvendo e cumprindo as metas estabelecidas pelos planos quinquenais. (SANG, 2019).

É importante ressaltar os esforços que a RPC faz para promover uma política de relações internacionais ativa, assertiva e justa. Enquanto vemos por parte de outras potências tentativas de concluir acordos que beneficiem apenas a si mesmos, a China leva a cabo uma diretriz onde o benefício mútuo deve ser o principal balizador das negociações e iniciativas internacionais. Claramente a China não o faz por benevolência ou caridade: possibilitar que novos mercados se desenvolvam e se aqueçam é fundamental para que as novas rotas comerciais planejadas por Beijing sejam bem-sucedidas.

4.4 A Nova Rota da Seda e Suas Capacidades Além-Mar

Além dos objetivos econômicos a perspectiva da Nova Rota da Seda para a China é de promover uma aproximação diplomática e cultural, principalmente, com as nações ocidentais, as quais sempre foram distantes da realidade chinesa, seja por questões geográficas ou por acordos com outros países. Ainda, tem como uma das principais diretrizes impor uma metodologia para se diferenciar do atual

modelo geopolítico em voga. Ou seja, em detrimento das tão comuns guerras, agressões, da corriqueira promoção de preconceitos contra determinadas etnias, a RPC busca a manutenção da paz perante a comunidade internacional como requisito básico para o avanço do projeto. (BARBOSA et al., 2018)

Sang (2019) ainda ressalta que, apesar das dúvidas que pairam sobre a capacidade chinesa de concretizar tamanho volume de investimento, as fontes de financiamento do mundo atual são diversificadas de maneira tão significativa que será possível, inclusive, realizar investimentos volumosos até mesmo nas Américas. A conferir na análise de Pires e Paulino (2017),

“Seus efeitos sobre a América Latina dependerão do quanto essa maior integração produtiva na Eurásia poderão resultar em desvio ou criação de comércio em relação a outras regiões do mundo. É preciso destacar que a Ásia já é o principal parceiro da América Latina e que o comércio entre as duas regiões apresenta elevado grau de complementaridade. É possível que essa maior integração produtiva ao nível da Eurásia torne a China menos dependente da importação de algumas commodities de regiões mais distantes, o que poderia afetar negativamente o comércio com a América Latina. É preciso considerar, contudo, que o crescimento sustentável da Ásia a longo prazo representará igualmente novas oportunidades de exportações, sobretudo de alimentos.” (PIRES; PAULINO, 2017)

Recentemente a China deu novas demonstrações de sua capacidade de investimentos além mar. Durante a abertura da 73ª Assembleia Mundial da Saúde, que aconteceu em 18 de maio de 2020, o presidente Xi Jinping anunciou investimentos na ordem de USD 2 bilhões, a construção de um armazém *hub* em parceria com a OMS para possibilitar respostas mais ágeis à eventos pandêmicos inesperados e também um mecanismo de cooperação entre hospitais chineses e outros 30 hospitais africanos com o objetivo de acelerar o desenvolvimento do sistema de saúde naquele continente.

Atualmente são mais de 370 projetos em curso apenas no continente asiático que englobam a otimização e construção de portos, rodovias, ferrovias, gasodutos, oleodutos, usinas geradoras de energia e linhas de transmissão (PAUTASSO; UNGARETTI, 2020). Além de ampliar o escoamento de manufaturas chinesas para mercados estrangeiros e de possibilitar a exportação de capacidade industrial excedente chinesa, o investimento na infraestrutura física regional, principalmente a infraestrutura de transporte, tem um forte cunho geopolítico e geoestratégico que vai além dos benefícios à economia doméstica.

A iniciativa já contabiliza a participação formal de mais de 130 países, dezenas de notáveis organizações regionais e internacionais, além de abrir caminhos para a perspectiva de concretizar um investimento superior a 1,3 bilhão de dólares nos próximos anos. Até aqui já são mais de 700 bilhões de dólares investidos intensificando o processo de reorganização do polo gravitacional econômico do continente asiático. A China busca consolidar a retomada do protagonismo regional a partir da lógica sinocêntrica, tal qual nos tempos da antiga Rota da Seda. (PAUTASSO; UNGARETTI, 2020)

O crescimento econômico e tecnológico da China respalda o atual papel de potência global que a China, habilidosamente, utiliza para se projetar regionalmente na Eurásia deslocando para as margens interesses ocidentais

outrora hegemônicos. O amplo espaço territorial chinês delimita fronteira com catorze países em terra e com outros três perfaz fronteira marítima diretamente: Japão, Filipinas e Coréia do Sul (além de Taiwan - não reconhecido como um Estado independente por Beijing). São aproximadamente 2 bilhões de pessoas que vivem nos países vizinhos e mais 1.4 bilhão que vivem na China. Ou seja, quase metade da população mundial. (COHEN, 2015 apud KOTZ, 2018).

O Partido Comunista da China tem nos planos quinquenais uma forte fonte de legitimidade junto à população, devido aos avanços sociais promovidos por essa política de metas. Sendo assim, a Nova Rota da Seda nasce como um projeto econômico com robustos interesses geopolíticos, a fim de que a RPC mantenha os elevados índices de desenvolvimento econômico interno das últimas décadas, além de expandir sua influência na região enfraquecendo a presença e a dependência do ocidente. A política externa chinesa de não intervenção e manutenção da paz deve seguir em curso a menos que algum interesse ocidental acabe por promover obstáculos à implementação plena do projeto. (BEESON & LI, 2016)

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O crescimento econômico e tecnológico da China respalda o atual papel de potência global que a China, habilidosamente, utiliza para se projetar regionalmente na Eurásia deslocando para as margens interesses ocidentais outrora hegemônicos. O amplo espaço territorial chinês delimita fronteira com catorze países em terra e com outros três perfaz fronteira marítima diretamente: Japão, Filipinas e Coréia do Sul (além de Taiwan - não reconhecido como um Estado independente por Beijing). São aproximadamente 2 bilhões de pessoas que vivem nos países vizinhos e mais 1.4 bilhão que vivem na China. Ou seja, quase metade da população mundial. (COHEN, 2015 apud KOTZ, 2018).

O Partido Comunista da China tem nos planos quinquenais uma forte fonte de legitimidade junto à população, devido aos avanços sociais promovidos por essa política de metas. Sendo assim, a Nova Rota da Seda nasce como um projeto econômico com robustos interesses geopolíticos, a fim de que a RPC mantenha os elevados índices de desenvolvimento econômico interno das últimas décadas, além de expandir sua influência na região enfraquecendo a presença e a dependência do ocidente. A política externa chinesa de não intervenção e manutenção da paz deve seguir em curso a menos que algum interesse ocidental acabe por promover obstáculos à implementação plena do projeto. (BEESON & LI, 2016)

Quadro 1 – Relação de estudos

TÍTULO	METODOLOGIA	AUTOR	ANO
Nova rota da seda e a ascensão pacífica chinesa	Revisão Bibliográfica	BARBOSA, Manuely; et. al.	2018
China's Place in a Regional and World Governance.	Revisão Bibliográfica	BEESON, Mark; LI, Fujian.	2016
China's One Belt One Road: an overview of the debate	Revisão Bibliográfica	HONG, Zhao.	2016

A nova Rota da Seda: entre a tradição histórica e o projeto geoestratégico para o futuro	Revisão Bibliográfica	KOTZ, Ricardo Lopez.	2018
As novas rotas da seda e seus impactos sobre a e economia mundial.	Revisão Bibliográfica	PIRES, Marcos C.; PAULINO, Luís A.	2017
Geoestratégia da China e a Nova Rota da Seda: Uma análise a partir dos documentos oficiais chineses e seus desdobramentos para o Brasil.	Revisão Bibliográfica	SANG, Beibei.	2020

Fonte: Dados dos autores.

No presente estudo, procurou por evidências de que a China possa vir a integrar-se plenamente bem como ser a principal indutora da integração, dada a relevância de seu papel de liderança regional na Eurásia, bem como sua crescente influência em nível global e principalmente por ter um mercado com destacada possibilidade de crescimento e, ainda, alvo de robustas políticas estatais que buscam a promoção do aumento da produção industrial, capacidade logística e poder de compra da população. Como bem pontuado por SANG:

“Trata-se, portanto, de um projeto bastante ambicioso da China, que se apresenta ao mundo com toda a imensidão que possui, emergindo com uma nova superpotência, onde a imagem do passado recente de país subdesenvolvido e poluído, vem sendo transformada em uma nova imagem, agora de um país que valoriza suas conquistas econômicas, o valor de seu povo e sua cultura milenar. Uma China do século XXI.” (SANG, pg. 89, 2020.)

Ao analisar os artigos expostos na tabela, foi possível perceber que todos estão com a metodologia em revisão bibliográfica, então mais estudos e os posteriores desdobramentos referentes ao tema serão necessários para que possamos discutir sobre o assunto de forma mais ampla. Mas pode-se observar que todos os estudos sugerem a ideia de uma série de investimentos, sobretudo nas áreas de infraestrutura logística para que se possa concluir a nova iniciativa.

É importante ter ciência de como a China está se expandindo, sendo hoje a 2ª maior economia do mundo, e em constante crescimento, o país possui projetos de investimentos no continente africano, também de obras na porção latina do continente americano, como o canal da Nicarágua ou a ferrovia transoceânica objetivando ligar o porto do Açu no Rio de Janeiro ao Peru. Desta forma, o país pretende conectar por terra a Eurásia - ligação da Europa com a Ásia e pelas águas marítimas e oceânicas a Ásia à África. Este projeto é de interesse de vários países, como a Rússia, que será diretamente beneficiada pelas rotas comerciais que cortarão seu território. Acredita-se que este projeto materializa a ambição da República Popular da China em se tornar a 1ª economia mundial.

Os resultados nos trouxeram a perspectiva de que possa surgir um novo bloco asiático na qual a atual maior economia do mundo, os Estados Unidos, estaria excluído. Um bom exemplo dessa perspectiva é que em novembro de 2020, foi firmada a Parceria Regional Econômica Abrangente (RCEP), noticiada como o maior acordo de livre comércio do mundo. Sendo assim, os EUA não se manifestaram abertamente sobre o assunto, mas começaram a boicotar as obras

através de suas empresas que atuam com vendas de equipamentos de engenharia para a China, além de promover desestabilizações e ingerências na região.

A China nunca esteve tão em evidência quanto atualmente, neste momento o dragão asiático está investindo pesado na implementação na Nova Rota da Seda, para deixar 63% da população mundial sob sua influência direta nas áreas econômica, política, comercial, de infraestrutura e cultural.

6. CONCLUSÃO

É possível concluir que a *Belt and Road Initiative*, anunciada em 2013 pelo governo chinês, e seus respectivos desdobramentos constituem excelentes exemplos de como o desenvolvimento das relações comerciais entre países distintos também são essenciais para a promoção do desenvolvimento nacional individual de cada país. A República Popular da China se debruça sobre esse projeto com o objetivo de, não só evitar a estagnação de seu desenvolvimento social e econômico, como possivelmente também possibilitar que os altíssimos índices alcançados nas últimas décadas sejam alçados a novos patamares.

O projeto que ficou popularmente conhecido como a “Nova Rota da Seda” ainda passa uma mensagem categórica onde, apenas com a ampliação, integração, modernização e otimização da infraestrutura disponível é que será possível promover um modelo econômico que possibilite um crescimento inteligente e que beneficie mutuamente as partes envolvidas. O esforço chinês de investimentos em infraestrutura logística deveria ser encarado como exemplo pelas autoridades brasileiras que, num país continental como é o Brasil, se eximem da responsabilidade de diversificar a limitada matriz de transporte nacional, prejudicando o caminho brasileiro para se tornar uma nação desenvolvida.

Os desafios securitários da Nova Rota da Seda representam não apenas um possível obstáculo para a integração eurasiática, mas também para a ascensão da China. São muitos os territórios e os interesses que estão envolvidos no plano chinês, sendo que muitos destes países passam por crises, guerras e uma série de fatores que provocam instabilidade. Portanto, o renascimento da Ásia tendo como eixo central a recriação do sistema sinocêntrico, tal qual a nova ordem mundial em gestação, está ligada ao grau de tensões e conflitos no entorno da Eurásia e, sobretudo, nas formas de acomodação entre a potência estabelecida (Estados Unidos) e a outra emergente (China).

De uma forma ou de outra, a simples existência de um projeto de tais magnitudes já é válida para uma reflexão e observações futuras a respeito de seu andamento ou estagnação. Contudo, apesar das resistências impostas por interesses adversos, a iniciativa segue avançando apoiada em organizações como a OCX (Organização para a Cooperação de Xangai), a já citada RCEP, o próprio BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e as dezenas de iniciativas bilaterais e multilaterais que a China sustenta em toda a região de interesse.

A Nova Rota da Seda inserida na realidade das novas tecnologias aventadas no século XXI é um empreendimento sem precedentes que elevará as operações de comércio exterior a um patamar jamais experimentado, devendo servir como referência para a elaboração de planos de integração e desenvolvimento nas mais variadas regiões do planeta.

Referências

BANCO MUNDIAL. **China 2030: building a modern, harmonious, and creative society**. Washington DC: The World Bank And The Development Research Center Of The State Council, 2013. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/document/China2030-complete.pdf>> Acesso em: 16 de agosto de 2020.

BARBOSA, M.; et al. **Nova Rota da Seda e a Ascensão Pacífica Chinesa**. NEARI EM REVISTA / VOL.2, N.2, p. 32, 2018.

BEESON, M.; LI, F. **China's Place in a Regional and World Governance**. Global Policy Review. The University of Durham and John Wiley and Sons, 2016.

COHEN, S. B. **Geopolitics: the Geography of International Relations**. 3ª ed. United Kingdom: Rowman and Littlefield, 2015.

“**Hardly an Oasis.**” The Economist. Disponível em: <<https://www.economist.com/asia/2014/11/15/hardly-an-oasis>> Acesso em: 16 out. 2020.

HONG, Z. (B). **China's One Belt One Road: an overview of the debate**. ISEAS - Yusof Ishak Institute, 2016.

KAPLAN, R. D. **The Revenge of Geography: what the world map tells us about the upcoming conflicts**. Random House Trade Paperbacks, 2012.

KOTZ, R. L. **A nova Rota da Seda: entre a tradição histórica e o projeto geoestratégico para o futuro. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)**. Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193931>> Acesso em: 24 out. 2020.

CORREIA, P. de P. **Geopolítica e Geoestrategia**. Nação e Defesa, N.º 131 – 5.ª Série, pp. 229-246, 2012. Acesso em: 16 de out. de 2023.

LIN, J. Y. **The economics of china's new era**. Project Syndicate, [s.l.], Dec 1, 2007. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/onpoint/the-economics-of-china-s-new-era-by-justin-yifu-lin-2017-12>> Acesso em: 15 out. 2020.

MELLO, L. I. A. **A geopolítica do poder terrestre revisitada**. Lua Nova, São Paulo, n. 34, p. 55-69, Dez. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451994000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PIRES, M. C.; PAULINO, L. A. **As novas rotas da seda e seus impactos sobre a**

economia mundial. Debate Acadêmico, São Paulo, 16 mai. 2017. Disponível em: <<https://www2.unesp.br/portal#!/debate-academico/as-novas-rotas-da-seda-eseus-impactos-sobre-a-e-economia-mundial.>> Acesso em: 02 out. 2020.

PETERSEN, A. **The World Island: Eurasian geopolitics and the Fate of the West.** Oxford: Praeger Security International, 2011.

SANG, B. **Geoestratégia da China e a Nova Rota da Seda: Uma análise a partir dos documentos oficiais chineses e seus desdobramentos para o Brasil.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade.

"Os conteúdos expressos no trabalho, bem como sua revisão ortográfica e das normas ABNT são de inteira responsabilidade do(s) autor(es)."